

Marcas no texto autotraduzido: o caso de João Ubaldo Ribeiro

Maria Alice Gonçalves Antunes*

RESUMO:

Este artigo trata da autotradução: a tradução do texto pelo próprio autor, e discute as marcas que João Ubaldo Ribeiro deixa no próprio texto ao vertê-lo para o inglês. Baseado no conceito de autor-modelo (ECO, 1979b) e nas noções de aproximação e de autonomização (BRITTO, 1996), este artigo apresenta marcas atribuídas ao trabalho do *tradutor* e aquelas atribuídas ao trabalho do autor e mostra que as primeiras são mais frequentes no trabalho do autotradutor de *Viva o povo brasileiro* (1984) / *An Invincible Memory* (1989).

Palavras-chave: Autotradução. Autor-modelo. Autor. Leitor.

Introdução

O presente artigo tem como objeto de análise a chamada autotradução – a tradução de um original pelo próprio autor – a partir de um caso particular, o do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro. Autor consagrado em território nacional, membro da Academia Brasileira de Letras, sempre esteve entre os autores mais vendidos da editora Nova Fronteira. João Ubaldo verteu para o inglês dois de seus romances mais famosos: *Sargento Getúlio* ([1971]1982) e *Viva o povo brasileiro* (1984), mas suas autotraduções – *Sergeant Getúlio* (1979) e *An Invincible Memory* (1989) – não têm despertado a curiosidade de acadêmicos e pesquisadores no Brasil (GOMES, 2005, p. 75) e no exterior, e poucos são aqueles que já escreveram sobre o assunto.

O objetivo deste trabalho é o de verificar até que ponto o autor que traduz o próprio texto – João Ubaldo Ribeiro, no caso – procura ser fiel às marcas inscritas por ele, de forma consciente ou inconsciente, no original, criando assim o autor-modelo (ECO, 1979a e 1979b). Incorporaremos à análise também as considerações de Paulo Henriques Britto para verificar se o autotradutor produz um trabalho em que os movimentos de aproximação (BRITTO, 1996) predominam. Já que João Ubaldo afirma através de entrevista por email que “o que está escrito, está escrito” (15/08/2003) e que foi “muito respeitoso com o original” (15/07/2003), este estudo investiga suas escolhas na tentativa de verificar se os movimentos de aproximação do autor-modelo original são mais frequentes, tornando seu trabalho de autor que traduz o próprio original um trabalho de tradução propriamente dita.

Na primeira seção, os conceitos de autor-modelo e de leitor-modelo são discutidos com base nos trabalhos de Umberto Eco, *The role of the reader* (1979a) e *Lector in fabula* (1979b). Em seguida, apresentamos as noções de aproximação e de autonomização (BRITTO, 1996). Finalmente, trataremos do trabalho de João Ubaldo Ribeiro discutindo seu “respeito pelo original”, entendido aqui como um movimento de aproximação do autor-modelo original, e os efeitos sobre o leitor que tal respeito representa.

O autor-modelo

Em *Obra aberta* (1962), o semioticista, crítico literário, escritor e professor Umberto Eco apresenta o conceito de “obra aberta” e inicia aí sua discussão acerca do papel do leitor. Eco afirma

que “um texto ‘aberto’ não pode ser descrito como uma estratégia comunicativa se o papel de seu destinatário (o leitor, no caso do texto escrito) não tiver sido considerado no momento de sua geração como texto” (ECO, 1979a, p. 3). Essa afirmação é vista aqui como uma demonstração da crença de Eco na escrita como uma atividade comunicativa e, já que é comunicação, a presença do leitor, destinatário da mensagem, é imprescindível. Contudo, esse não é o único papel exercido pelo leitor, já que, além de destinatário, ele será co-participante do processo gerativo do texto. Para Eco, “o autor tem de prever um modelo de leitor (o leitor-modelo) supostamente capaz de interpretar o texto da mesma maneira que o autor previu durante o processo de geração do mesmo” (1979a, p. 7). A tarefa de “interpretar o texto da mesma maneira” pode fazer-nos acreditar que a interpretação é um processo de descoberta de significados estáveis contidos em um texto. Entretanto, o leitor que exerce o papel de leitor-modelo também interfere no processo criativo na medida em que elabora significados a partir da leitura das marcas registradas no texto, consciente ou inconscientemente, pelo autor. É importante esclarecer também que o leitor-modelo está registrado no texto como uma estratégia e que a interpretação consiste na reconstrução dessa estratégia, um processo potencialmente infinito, mas limitado, já que há interpretações que não podem ser sustentadas pela coerência interna do texto e que são vistas como “sem êxito” por Eco (1979b, p. 41).

Como vimos acima, o leitor-modelo, uma construção do autor, é um agente propulsor do processo de escrita. Ele leva o autor a fazer escolhas adequadas ao modelo de leitor que tem em mente e a registrá-las no texto, dando forma ao autor-modelo, um construto do texto, a quem são atribuídas as pistas para a interpretação (ECO, 1994, p. 44). O autor não necessariamente poderá explicar todas as pistas impressas no original, já que elas nem sempre serão opções conscientes, e, por isso, o autor-modelo é importante no processo de comunicação. No caso da tradução, é o autor-modelo que será tomado, de forma intuitiva, como referência pelo tradutor que o reconstruirá na tentativa de ser fiel ao original. É importante destacar que, para Eco, o autor-modelo não se assemelha ao autor empírico, nem tampouco as escolhas registradas no texto deverão ser investigadas com base na sua história ou suas explicações, até porque nem sempre ele será capaz de explicar suas próprias estratégias (ECO, 1994, p. 44). O autor-modelo é aquele a quem o leitor *atribui* a seleção de estruturas sintáticas, de itens lexicais e de estratégias narrativas registradas na manifestação linear do texto e que servem de pistas para a interpretação. Assim, por exemplo, são atribuídas ao autor-modelo de *Viva o povo brasileiro* marcas como o uso de linguagens variadas que demonstram o falar característico de grupos sociais diversos em épocas distintas.

Finalmente, é importante destacar que, para Eco o autor empírico não tem nenhum papel a exercer no processo de interpretação do texto que escreveu. Durante o processo de escrita, ele imaginou um leitor que, ao cooperar com o texto através das marcas lá impressas, exerce o papel de leitor-modelo recriando o autor-modelo. Entretanto, é importante observar que nem sempre o leitor consegue seguir as pistas deixadas no texto e reconstruir o autor-modelo, interpretando o texto de forma coerente. Assim, é comum que o leitor tente contribuir com seu conhecimento prévio de mundo, que inclui o conhecimento acerca da vida e da obra do autor empírico, para a construção do autor-modelo.

De fato, acreditamos que o conhecimento prévio do leitor pode exercer um papel importante na construção do autor-modelo. Ao escolher um texto, o leitor provavelmente o faz com base em seu conhecimento acerca do autor empírico e relaciona o nome do autor a um tipo de texto: um conto, um romance, ou um ensaio, por exemplo. cremos que, nesse momento, o autor empírico já começa a surgir como peça relevante para o processo de interpretação. É bastante provável que o nome João Ubaldo Ribeiro, por exemplo, escrito na capa de um livro levará o leitor a esperar encontrar ali um texto literário. O leitor faz também suposições acerca de “esquemas retóricos e narrativos que fazem parte de um repertório selecionado e restrito de conhecimento” (ECO, 1979b, p. 66), baseado na

leitura prévia de outros romances escritos pelo autor. E essas suposições o levam a escolher determinado texto e a construir expectativas em relação ao texto.

Eco afirma também que o “repertório selecionado e restrito de conhecimento” (1979b, p. 66) não é comum a todos os leitores. Haverá aqueles que, possuidores de um conhecimento cultural e uma competência intertextual variados, estarão mais motivados a cooperar com um texto e interpretá-lo com base nas pistas que ele oferece. Entretanto, há um autor (empírico) que, consciente ou inconscientemente, selecionou determinados esquemas retóricos e narrativos ou determinadas estratégias textuais, impulsionado por um leitor-modelo, durante o processo de geração do texto. Esse autor possui em seu repertório um conhecimento cultural e uma competência intertextual que têm por base sua própria competência enciclopédica construída, inclusive, a partir de outras leituras. Se, como afirma Eco, “nenhum texto é lido independentemente da experiência que o leitor tem de outros textos” (1979b, p. 64), consideramos que, da mesma forma, nenhum texto é escrito sem levar em conta a experiência que o autor empírico tem de outros textos. Tal experiência inclui as normas, os valores e a poética a que todos os textos e autores estão sujeitos e que podem questionar (ISER, 1978). Normas, valores, coerções e poética são discutidos por André Lefevere (2007) em relação à tradução, mas também se aplicam ao fenômeno da escrita. Acreditamos que os escritores, estando sujeitos a normas, valores, coerções e poética – que também estão entre as condições de produção de uma obra –, os utilizam, consciente ou inconscientemente, durante o processo de geração de seus textos. É impossível então considerar que um autor empírico não esteja sujeito a esses fatores quando escreve e que eles não influenciem o processo criativo. Na verdade, acreditamos que o autor empírico responde a seu leitor-modelo, construído a partir da visão que o autor adquire sobre leitor na sua relação com o mundo e com outras obras. Quando o tradutor lê o romance que vai traduzir, ele assume o papel do leitor-modelo, cooperando com o texto ao interpretar de forma coerente as marcas lá impressas. Entretanto, o tradutor precisa imaginar outro leitor-modelo e recriar o autor-modelo inscrito no original, já que está sujeito a outras condições de produção que influenciam e limitam a tradução.

Finalmente, quero destacar que o tradutor encontra-se duplamente limitado, por assim dizer. Ele lida com limites representados pelo autor-modelo do original inscrito no texto e com aqueles representados pelas condições em que o leitor-modelo da tradução está inserido. A tarefa do tradutor profissional consiste, em geral, na busca pelo equilíbrio para que o produto de seu trabalho seja um texto que promova a comunicação com o leitor estrangeiro.

Os movimentos de autonomização e de aproximação

Em artigo intitulado “Tradução e criação” (1996), Paulo Henriques Britto afirma que “traduzir e escrever são de fato duas atividades *qualitativamente diferentes*” (p. 241, grifo do autor) e propõe uma definição processual de tradução com base na análise comparativa entre a sua tradução do poema “Sunday Morning”, de Wallace Stevens, e sua escrita de “Pessoana” (p. 243-250). Britto define as principais características dos dois processos: a autonomização e a aproximação.

A partir dos exemplos apresentados por Britto em seu artigo, compreendemos a autonomização como um movimento em que o tradutor (ou o autor) se afasta do original – ou de originais – quando traduz (ou quando escreve, no caso do autor) um texto. O afastamento pode revelar-se de diversas formas. Entre elas estão a seleção de estratégias textuais distintas, de recursos estilísticos variados ou mesmo de itens lexicais com sentidos literais distintos que possibilitam novas interpretações. A aproximação, por sua vez, faz com que o tradutor opte por técnicas que promovam o reconhecimento de um texto anterior porque demonstram a busca

pela equivalência. É, portanto, de certa forma natural que a autonomização tenda a predominar quando um autor escreve um texto, já que ele procura se desvencilhar, por assim dizer, de originais que leu anteriormente. É também natural que a aproximação predomine no trabalho do tradutor, já que, via de regra, tradutores procuram ser fiéis ao original. A aproximação pode predominar na escrita, mas o resultado pode ser o plágio. Já quando a autonomização predomina na tradução, o resultado pode ser uma adaptação, um novo original ou uma traição. Em relação a seus próprios trabalhos de criação e de tradução, Britto aponta para o predomínio da autonomização no caso da criação, enquanto na tradução “a estrutura é mais ou menos equilibrada” (BRITTO, 1996, p. 250-251). Ele afirma ainda que o texto-fonte exerce o “efeito de controle” (p. 251) e descreve que, ao perceber seu afastamento do original “Sunday Morning”, descartava o movimento para que a tradução não se tornasse um texto excessivamente autônomo (p. 251). Na escrita de “Pessoana”, o contrário ocorria: ao perceber que o texto se tornava excessivamente próximo de um original (“Autopsicografia”, de autoria de Fernando Pessoa, no caso), Britto descartava o movimento para procurar outras soluções que fizessem de “Pessoana”, poema de sua autoria, um texto mais autônomo. Assim, ele conclui que o original não exerce o “efeito de controle” sobre a criação de maneira igual àquela que exerce sobre a tradução.

A relevância das conclusões de Britto reside na possibilidade de ressaltarmos que o “efeito de controle” não é exercido apenas pelo original. Consideramos que a ideologia, o mecenato, e as poéticas, discutidos por André Lefevere (2007), exercem papéis essenciais na tradução, vista como um processo que se inicia no momento em que uma obra é selecionada para publicação em outro sistema cultural. Consideramos também que o “efeito de controle” exercido pelo original sobre a criação pode ser visto como uma espécie de controle às avessas. O escritor deve se afastar de um original e manter-se “à distância” dele sob pena de ser acusado de plágio se os movimentos de aproximação predominarem na escrita. É interessante observar, contudo, a tentativa de se manter distante de um original específico não garante que o escritor se afaste de idéias anteriormente veiculadas. Cremos que não será possível garantir a produção de um texto que se afaste de todos os originais com os quais um dado autor teve contato, na medida em que eles fazem parte da sua competência enciclopédica, à qual ele, consciente ou inconscientemente, recorre durante o processo de escrita original. Entretanto, pode-se afirmar que um escritor tenta, conscientemente, manter-se à distância de um original anterior e produzir um texto à primeira vista autônomo. Mas, se no caso da escrita a autonomização é, certamente, o movimento esperado, no caso da autotradução, a resposta não é tão simples e, principalmente, não é a única.

Pesquisas e artigos sobre o trabalho de autotradutores, tais como Samuel Beckett e Vladimir Nabokov (FITCH, 1988; CONNOR, 1989; COATES, 1999), indicam que há nas autotraduções movimentos que demonstram a liberdade do autor – que, liberado do controle do original, pode alterá-lo de maneira significativa sem que seja acusado de infidelidade, porque ele é visto como aquele que tem autoridade sobre seus textos. Por outro lado, é inegável que a liberdade não é total e que o original exerce controle sobre a autotradução, ou não se reconheceriam nos textos autotraduzidos outros que lhes são anteriores. João Ubaldo Ribeiro indica que o texto-fonte – e o autor-modelo original, nas palavras de Umberto Eco – tem papel determinante e controlador, por assim dizer, no processo autotradutório.

Verifiquemos agora até que ponto se dá esse controle. Por questões de espaço, restringiremos nossa análise ao romance *Viva o povo brasileiro / An Invincible Memory*. Em primeiro lugar, trataremos da versão dos topônimos que representam a opção do autor pelo movimento de aproximação do autor-modelo registrado no texto original. Em seguida, trataremos dos exemplos que demonstram os movimentos de autonomização do autotradutor que se afasta do autor-modelo registrado no original.

O autor-modelo original e os movimentos de aproximação do autotradutor

Em *An Invincible Memory*, João Ubaldo usa a técnica da repetição na versão de topônimos, tais como Salvador, Itaparica, Pirajá, Cachoeira e Bahia. Em outros casos, como Vera Cruz de Itaparica e São João do Mangunho, por exemplo, o autotradutor combina procedimentos (a glosa intratextual e a tradução integral de nome próprio) e substitui os nomes das duas povoações locais por *Settlement of the True Cross of Itaparica* e *Village of Saint John of the Little Swamp*, respectivamente. Sobre a tradução dos topônimos, João Ubaldo comenta que, quando parecia “importante que a condição geográfica (baía, porto etc.) fosse conhecida pelo leitor” (e-mail, 25/07/2003), ele preferia utilizar uma técnica comum às traduções da época: a técnica da tradução explicativa – “uma reformulação do item marcadamente cultural do texto-fonte, algo como uma perífrase lexical” (BENTES, 2005, p. 65) – e insere *bay area* para explicitar a condição geográfica do Recôncavo Baiano. Finalmente, observo que a tradução integral de nome próprio é usada na versão de Armação do Bom Jesus, Arraial do Baiacu, Fonte do Porrãozinho, porto da Ponta da Cruz, Ponta das Baleias e Ladeira da Conceição para o inglês. Os topônimos são substituídos por *Good Jesus Fishery*, *Puffer Fish Village*, *Little Pot Spring*, *Cross Point Harbor*, *Whale Point* e *Conception Hill*, respectivamente.

Notamos aqui que João Ubaldo oscila entre estratégias domesticadoras, estrangeirizadoras e híbridas (BENTES, 2005). Entretanto, a classificação dos procedimentos para a tradução dos topônimos no caso de *Viva o povo brasileiro* apresenta dificuldades, pois, ainda que a língua inglesa tenha sido utilizada com a tradução integral de nomes próprios, as cidades e vilas estão, definitivamente, localizadas fora dos Estados Unidos da América. Em estudo sobre as traduções de obras latino-americanas, John Milton afirma que um exame de alguns contos de Vargas Llosa, traduzidos com o apoio e a aprovação do autor, revela que a naturalização de referências culturais e geográficas pode fazer seus leitores esquecerem que a trama se passa na América Latina. O mesmo não se pode dizer do romance *An Invincible Memory* de João Ubaldo: dificilmente o leitor estrangeiro esquecerá que está diante de uma história cuja ação se desenrola em algum lugar fora dos Estados Unidos (MILTON, 1999, p. 171). Milton afirma ainda que o fato pode ser explicado pelo orgulho que João Ubaldo demonstra ter de seu país e de seus valores. Acreditamos, entretanto, que a opção por técnicas que ratificam a presença de elementos estrangeiros nos textos traduzidos revela aquela que João Ubaldo adotou como estratégia desde o início de seu trabalho: diante da impossibilidade de reprodução exata do significado (e-mail, 07/08/2003), o escritor escolhe procedimentos que não apagam o estrangeiro e demonstram que a história se passa fora dos Estados Unidos, mas considera fundamental ajudar o leitor estrangeiro que exerce o papel de leitor-modelo durante o ato cooperativo da leitura. Como o próprio escritor afirma, “ou se facilitava ou o romance se encheria de notas de pé de página explicativas e ficaria mais grosso do que a lista telefônica de Nova York” (e-mail, 14/05/2004). Por facilitação, compreendo a tentativa de auxiliar o leitor que exerce o papel de leitor-modelo a cooperar com o texto através da inclusão, principalmente, de elementos intratextuais. Em outras palavras, João Ubaldo optou pela aproximação do texto original ao mesmo tempo em que procurou se aproximar do leitor estrangeiro, sem dificultar a leitura. Para isso, o autotradutor utilizou procedimentos que manifestam a presença de marcas do trabalho do tradutor no texto em si e não fora dele, como os glossários e notas extratextuais.

Finalmente, é interessante observar que João Ubaldo afirma que o auxílio ao leitor estrangeiro que exerce o papel de leitor-modelo “envolveu pequenas fraudes aqui e acolá” (1990, p. 3). Entre essas “pequenas fraudes” está a inserção das glosas intratextuais. Ao usar a palavra “fraude”, o escritor brasileiro ratifica a visão de tradução como traição a um original, que tem permeado a discussão acerca

da atividade durante séculos e que é resumida no popular adágio *traduttore, traditore*. Ele demonstra também, a nosso ver, que há marcas que devem ser atribuídas ao trabalho do tradutor e não devem ser, portanto, atribuídas ao autor-modelo original.

O autor-modelo original e os movimentos de autonomização do autotradutor

Vejamos agora exemplos do trabalho do autor que, no exercício da autotradução, reconstrói o autor-modelo original.

Exemplo 1:

Quase se deu a tragédia há tanto tempo temida, porque Amleto apanhou no cabide a bengala de jacarandá encastada de bronze e marchou para atingir Patrício Macário em qualquer lugar do corpo, somente não lhe achatando a cabeça porque Clemente André se sentiu mal, levou a mão à testa, gemeu fracamente e desabou na alcatifa (RIBEIRO, 1984, p. 232).

The tragedy feared for so long almost happened. Amleto picked from the rack his bronze-capped rosewood cane and started hitting Patrício Macário, but he stopped short of bashing his head because Clemente André raised his hand to his forehead, moaned limply, and collapsed on the carpet (RIBEIRO, 1989, p. 243).

Vemos aqui que o texto original, em português, apresenta as marcas de uma encenação comum: uma surra em um filho. É importante observar, contudo, que na cooperação com o texto original o leitor não é levado a “construir” a surra de fato, já que Amleto apenas “marcha para atingir” o filho mais novo, mas desiste de atingi-lo diante da indisposição de Clemente André. Já no texto em inglês, o mesmo Amleto *started hitting* Patrício Macário. A escolha lexical atribuída ao autor-modelo da autotradução faz o leitor que exerce o papel de leitor-modelo atualizar a surra de fato. Em outras palavras, o autor-modelo inscrito no texto autotraduzido vai além do limite imposto pela escolha lexical atribuída ao autor-modelo original e indica caminhos bastante distintos para a interpretação.

Exemplo 2:

Não notou que a trilha fazia muitas curvas e que já não sabia direito onde estava, quando chegou à beira de uma clareira ampla e, do outro lado, avistou um grupo numeroso de negros e mulatos, somente dois ou três brancos, cercados por fochos e fogueirinhas, reunidos em torno de alguém agachado (RIBEIRO, 1984, p. 488).

He did not notice that the trail curved excessively and he was no longer sure of where he was when he came to the edge of a spacious clearing and saw on the other side a large group of blacks and mulattoes [...] surrounded by torches and little bonfires, gathering around someone who was crouched down (RIBEIRO, 1989, p. 365).

Nesse exemplo, Patrício Macário assiste uma cerimônia religiosa conduzida por negros escravos, que se escondiam em clareiras no meio de matas para cultuar suas divindades. Ao abordar o texto, partindo de uma perspectiva ideológica pessoal que integra sua competência enciclopédica, o leitor que exerce o papel de leitor-modelo do original prefigura hipóteses acerca dos participantes de um culto africano. Ele sabe que a participação de indivíduos de cor branca nessas cerimônias não era comum, mas possível, especialmente porque a cena se passa no ano de 1871, quando a libertação da escravidão se aproximava e a Lei Rio Branco (mais conhecida como Lei do Ventre Livre) havia sido promulgada. Havia, portanto, naquele período

histórico específico, um clima favorável à integração entre negros e brancos, ainda que tímida a princípio. Podemos atribuir ao autor-modelo original a sinalização acerca da transformação gradual vivida pela sociedade brasileira através da seleção dos participantes daquele culto. Na versão em inglês o mesmo não acontece. Na exclusão dos “dois ou três brancos” da cerimônia, ratifica-se a visão estereotipada do candomblé como uma religião de negros e elimina-se uma alusão à transformação de uma sociedade escravagista e preconceituosa em uma sociedade, pelo menos aparentemente, mais tolerante.

Conclusão

Podemos concluir com base na análise comparativa entre *Viva o povo brasileiro* e *An Invincible Memory* que o original exerce um efeito de controle, como diz Britto. João Ubaldo mantém-se próximo ao original optando pela fidelidade à letra, por assim dizer (ANTUNES, 2007), e os movimentos de aproximação do autor-modelo original são predominantes durante o processo de autotradução. Podemos também perceber, através da análise dos exemplos expostos neste breve trabalho, que João Ubaldo se distancia – poucas vezes – do original através da omissão (exemplo 2) e da extrapolação do sentido literal (exemplo 1). Ao omitir vocábulos, o autotradutor sugere novos caminhos para a interpretação que o leitor faz da constituição da sociedade brasileira (exemplo 2). Ao substituir outros que extrapolam o sentido literal construído através da cooperação com a manifestação linear do texto original (exemplo 1), o autotradutor sugere também interpretações radicalmente distintas daquela sugerida pela escolha lexical atribuída ao autor-modelo original. Atribuo essas modificações ao trabalho do autor, pois elas não podem ser justificadas pela tentativa de facilitação da comunicação com o leitor que exerce o papel de leitor-modelo da autotradução, mas sim pela atuação do autotradutor como leitor-modelo do original.

Ressaltamos que o autor-modelo da autotradução é diferente do autor-modelo do original porque é impulsionado por um leitor-modelo distinto e que, portanto, demanda pistas distintas. A diferença entre eles não pode ser atribuída ao trabalho do autor que, na tentativa de aperfeiçoar seu texto, introduz modificações que demonstram a continuidade do processo de escrita criativa. No caso de João Ubaldo, as alterações introduzidas na edição em inglês são atribuídas ao trabalho do tradutor que busca aproximar-se do leitor-modelo estrangeiro sem apagar as marcas da cultura brasileira. Um número reduzido de mudanças pode ser atribuído ao trabalho do autor que se afasta do original. Destacamos ainda que as mudanças atribuídas ao trabalho do autor que reconstrói o original são feitas também por tradutores. Entretanto, tais mudanças são vistas como traições porque sugerem o afastamento do original e extrapolam os limites do texto, aqui representados por suas condições de produção e pelo sentido literal construído através da cooperação com a superfície textual.

Finalmente, destacamos que, diferentemente das conclusões de Britto sobre a tradução, o trabalho de João Ubaldo demonstra a preocupação do autor que pretende se manter dentro dos limites representados pelas escolhas atribuídas ao autor-modelo original. Ele exhibe movimentos de aproximação ao verter os topônimos para o inglês e, sendo os itens de especificidade cultural sabidamente muito frequentes na obra de João Ubaldo, podemos concluir que a aproximação do autor-modelo original predomina no trabalho do autotradutor brasileiro.

Authorial traces in the self-translated text: The case of João Ubaldo Ribeiro

ABSTRACT:

This article discusses self-translation and the marks left by João Ubaldo Ribeiro in the self-translated text. Based on the concept of the model-author (ECO,

1979b) and on the notions of proximity and distance (BRITTO, 1996), this article presents marks which are attributed to the translator's work as well as those which are attributed to the author's work and shows that the former are more frequent in the work of the (self)translator of *Viva o povo brasileiro* (1984) / *An Invincible Memory* (1989).

Keywords: Self-translation. Model-author. Author. Translator.

Notas explicativas

* Doutora em Letras; professora adjunta; Departamento de Letras Anglo-Germânicas; Instituto de Letras; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Referências

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. *O respeito pelo original* – um estudo da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2007. 270f.

BENTES, Carla Melibeu. *Clifford Landers* – tradutor do Brasil. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2005. 150f.

BRITTO, Paulo Henriques. Tradução e criação. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. IV, p. 239-262, 1996.

COATES, Jenefer. Changing Horses: Nabokov and Translation. In: BOASE-BEIER, Jean & HOLMAN, Michael (eds.) *The Practices of Literary Translation*. Constraints and Creativity. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999. p. 91-108.

CONNOR, Steven. 'Traduttore, traditore': Samuel Beckett's translation of *Mercier et Camier*. *Journal of Beckett Studies*, Florida, v. 11, n. 12, p. 27-46, 1989.

ECO, Umberto. *The Role of the Reader: Explorations in the Semiotics of Texts*. Bloomington: Indiana University Press, 1979a. 284p.

_____. *Lector in Fabula*. 2.ed. Tradução por Atilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1979b. 219p.

_____. *Six Walks in the Fictional Woods*. Cambridge: Harvard University Press, 1994. 160p.

_____. *Os limites da interpretação*. 2.ed. Tradução por Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000. 315p.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. 2.ed. Tradução por MF. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 184p.

FITCH, Brian. *Beckett and Babel. An Investigation into the Status of the Bilingual Work*. Toronto: University of Toronto Press, 1988. 242p.

GOMES, João Carlos Teixeira. João Ubaldo e a saga do talento triunfante. In: BERND, Zilá. (org.) *João Ubaldo Ribeiro*. Obra seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 75-103.

ISER, Wolfgang. *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. Amsterdã: Johns Hopkins, 1978. 224p.

LEFEVERE, Andre. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução por Claudia Matos Seligmann. São Paulo: Edusc, 2007. 264p.

MILTON, John. Translating Latin America. In: MARTINS, Marcia Amaral Peixoto (org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 167-173.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 673p.

_____. *An Invincible Memory*. Nova York: Harper & Row Publishers, 1989. 504p.

_____. Suffering in Translation. P.T.G. *Newsletter (ATA)*, Nova York, v. 3, n. 3, p. 3-4, jan./fev. 1990.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 15 de julho de 2003.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 18 de julho de 2003.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 25 de julho de 2003.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 07 de agosto de 2003.

_____. “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 14 de maio de 2004.

